



Perspetivas da Morte e Personalidade em Idosos

CATARINA MARQUES-COSTA¹, & JOSÉ H. BARROS DE OLIVEIRA²

Resumo

O presente trabalho privilegiou como objeto de análise as perspetivas da morte em alunos seniores e a sua possível relação com a personalidade. A amostra é constituída por 114 seniores. Os instrumentos utilizados foram o Questionário de Personalidade de Eysenck (EPQ) e as Escalas Breves de Perspectivas da Morte. Os questionários foram aplicados em diversas Universidades Seniores da Região Centro de Portugal.

Os resultados mostram que o Neuroticismo se relaciona de modo positivo com a Morte como Vida de Além de Recompensa, a Extroversão de modo negativo com a Morte como Natural, e o Psicoticismo de modo negativo com a Morte como Desconhecido. Apesar de se verificar a existência de correlações significativas entre as variáveis em estudo, estas assumem uma intensidade moderada. Estes resultados realçam a necessidade de mais estudos neste âmbito, assim como a necessidade de adaptação e construção de instrumentos que sejam adequados a esta população, isto é, que sejam claros, que tenham boas qualidades psicométricas e que sejam de rápida aplicação.

Palavras-chave: idoso; envelhecimento bem-sucedido; perspetivas da morte; personalidade.

Introdução

No Século XX, as alterações demográficas traduziram-se, por vezes, numa inversão das pirâmides etárias, refletindo o envelhecimento populacional. Estas modificações vieram

¹ Mestre em Psicologia do Idoso, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCE-UP). E-mail: psi.catarina.mcosta@gmail.com.

² Professor Jubilado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCE-UP).



colocar aos governos, às famílias e à sociedade em geral, desafios para os quais não estavam preparados. Assim, envelhecer com saúde, autonomia e independência, o mais tempo possível, constitui hoje um desafio para a responsabilidade individual e coletiva, com tradução significativa no desenvolvimento económico dos países.

A promoção de um envelhecimento saudável diz respeito a diversos sectores, que envolvem nomeadamente a saúde, a educação, a segurança social, os aspetos económicos, a justiça, o desenvolvimento rural e urbano, os transportes, a habitação, o turismo, as novas tecnologias, a cultura e os valores que cada sociedade defende e que cada cidadão tem como seus. Se por um lado, os determinantes individuais, biológicos, genéticos e psicológicos contribuem para a forma como se envelhece e para a ocorrência de doenças ao longo da vida, por outro, em muitas situações, o declínio das funções que se associa ao envelhecimento está relacionado com fatores de ordem externa (ambientais e sociais).

Assim, a importância educativa da faixa etária dos idosos é imensa, na medida em que poderá promover uma maior interação indivíduo-meio, o que por sua vez trará uma maior adaptação e um maior bem-estar ao idoso. Foi no sentido de dar resposta a esta necessidade que surgiram as Universidades Seniores (Monteiro, & Neto, 2008). Os alunos que as frequentam constituem exemplos de um envelhecimento bem-sucedido, pois estão inseridos num meio dinamizante, tanto em termos de atividades (novas aprendizagens) como em termos sociais (rede social).

Personalidade no Idoso

Para Wilson (1986), quase todos os adjetivos que se possam utilizar para resumir o comportamento de uma pessoa – ansioso, falador, agressivo, deprimido, entre outros – se referem às características comportamentais e emocionais que diferenciam as pessoas (traços de personalidade) ou às flutuações de ordem temporária nas disposições do mesmo indivíduo (estados). Com efeito, a personalidade diz fundamentalmente respeito às características permanentes do indivíduo, isto é, remete mais para os traços do que para os estados.

No modelo psicobiológico de Hans Eysenck (Modelo P-E-N; cf. H. Eysenck, & M. Eysenck, 1985), que se insere nas denominadas Perspetivas dos Traços (cf. Mathews, & Deary, 1998), a personalidade é considerada como uma organização mais ou menos estável e



perdurável do carácter, do temperamento e dos aspetos intelectuais e físicos, que determina o ajustamento único de cada indivíduo ao meio ambiente (H. Eysenck, 1970). Estas dimensões são assim responsáveis pela consistência e estabilidade das ações, pelas reações emocionais e pelos estilos cognitivos dos sujeitos.

A dimensão de *Extroversão* (E) organiza-se num *continuum* que abrange num polo a *personalidade extrovertida*, caracterizada pela sociabilidade, atividade, assertividade, vivacidade, procura de sensações, entre outros traços, e no outro polo, a *personalidade introvertida*, cujo indivíduo tende a ser calmo, passivo, cuidadoso, pensativo, mentalmente ativo e pessimista.

A dimensão de *Neuroticismo* (N) organiza-se também ela num *continuum* abrangendo a *personalidade neurótica*, que se caracteriza pela ansiedade, tensão, irritabilidade fácil, hiperpreocupação, depressão, sentimentos de culpa, baixa autoestima, tristeza, emotividade, irracionalidade, entre outros traços, e a *personalidade estável*, que remete para características como a serenidade, o controlo, a boa disposição, entre outras.

A dimensão de *Psicoticismo* (P) descreve a personalidade fria, impessoal, egocêntrica, impulsiva e agressiva, ou seja, a personalidade que caracteriza os indivíduos pouco empáticos, pouco sociáveis, desconfiados, rudes e que gostam de coisas pouco habituais (H. Eysenck, & M. Eysenck, 1985; Wilson, 1986; Castro Fonseca, 1989).

Dimensões E e N

As dimensões E e N encontram-se fortemente relacionadas com o bem-estar subjetivo: a dimensão E está relacionada com os afetos positivos e a dimensão N com os afetos negativos (cf. Diener, & Lucas, 1999).

Em Espanha, Chico Librán (2006) estudou o bem-estar subjetivo e os fatores de personalidade que lhe estão associados. Os resultados indicaram que a dimensão E é um bom indicador do nível de bem-estar subjetivo, uma vez que se associa aos constructos de satisfação com a vida e de otimismo. O mesmo se verificou em relação à dimensão N, na medida que as correlações encontradas são elevadas e significativas com a insatisfação com a vida e com o negativismo. Neste estudo, verificou-se ainda que a satisfação com a vida é mais fortemente determinada pela dimensão N do que pela dimensão E. Ou seja, o afeto negativo é



mais determinado pela dimensão N, enquanto que o afeto positivo é determinado tanto pela dimensão N como pela dimensão E.

No estudo de Krause, Liang e Keith (1990), os autores constataram que os idosos mais extrovertidos tendiam a procurar mais contactos sociais do que os introvertidos. De acordo com Brennan, Schutte e Moos (2006), a rede social tem efeitos positivos na prevenção ou diminuição do *distress* que é causado pelos acontecimentos de vida – os idosos com um maior apoio social possuem melhores capacidades para resolver os seus problemas.

Segundo Vitterso e Nilsen (2002), as dimensões E e N são frequentemente consideradas como as duas dimensões de personalidade mais relevantes para o estudo da felicidade. No entanto, segundo alguns autores (cf. Costa, & McCrae, 1980; Diener, & Larsen, 1993; Rusting, & Larsen, 1997; entre outros), a extroversão tende a ser vista como a dimensão mais importante neste âmbito.

Estes dados parecem ir ao encontro da hipótese levantada por Baltes, Lindenberger e Staudinger (1999), mediante a qual as dimensões de personalidade teriam uma importante função no processo de adaptação do sujeito ao envelhecimento, influenciando a saúde e a longevidade na velhice.

Personalidade e Morte

No que concerne à relação com a morte de outrem e a personalidade, Meuser e Marwit (2000) verificaram que determinadas dimensões e traços de personalidade predispoem os sujeitos a usar de modo mais ou menos efetivo as estratégias de *coping*³ para melhorar a intensidade do luto. Assim, os resultados destes investigadores demonstraram que N e as características do *distress* se associam a uma maior tristeza e sofrimento nas viúvas. Middleton, Franzp, Raphael, Burnett e Martinek (1997) constataram também a existência da relação desta dimensão com os sintomas de *distress* oriundos do luto sentido por pais, esposas, e filhos adultos.

³ Segundo White (1985, cit. por Vaz Serra, 1988, p.303) «(...) tendemos a falar de coping quando temos em mente uma modificação relativamente drástica ou um problema que desafia as formas familiares de pessoa se comportar e requer a produção de um comportamento novo. Dá origem, com frequência, a afetos desconfortáveis como a ansiedade, o desespero, a culpa, a vergonha, ou o pesar, o alívio dos quais faz parte da necessidade de adaptação. O *coping* refere-se a esta adaptação em condições relativamente difíceis».



Feifel (1969) evidenciou que os humores depressivos, o medo das perdas, e os diversos sintomas psicossomáticos possuem afinidades com o constructo de ansiedade face à morte. Por seu turno, o medo da morte tende a relacionar-se com o *distress*, através de rumações ou da antecipação ansiosa de um futuro incerto, reforçando as apreensões do sujeito relativas à morte (Neimeyer, & Werth, 2005). Para o autor, as perspetivas da morte refletem mudanças desenvolvimentais, condicionamentos culturais, orientações religiosas, e remetem para o grau de ameaça sentido pelo indivíduo e para as características da sua personalidade.

De acordo com Neimeyer, Wittkowski e Moser (2004), cuja perspetiva corrobora com a de Feifel (1969), as experiências de vida são cumulativas e contribuem para a evolução das perspetivas da morte; por seu turno, estas experiências são influenciadas pela personalidade do indivíduo.

Perspetivas da Morte e o Modelo Compreensivo da Ansiedade face à Morte

A reflexão sobre o fim da vida é um elemento essencial para se poder viver, existindo ganhos e perdas na revisão do significado pessoal atribuído à morte. Esta revisão é influenciada em todas as idades pelo nível de maturação cognitiva, pelas relações interpessoais, e pelo *stress*. Para Damásio (2003, p. 301), «a perspetiva de sofrimento e morte compromete o processo homeostático de quem os confronta».

No ponto de vista de Espinosa (cit. por Damásio 2003, p.311), o medo da morte é o resultado de um «conflito entre a ideia de que o sofrimento e a morte são fenómenos biológicos naturais que devemos aceitar com equanimidade (...) e a inclinação, não menos natural, da mente humana de se sentir insatisfeita com essa sagesa». Este medo da morte, ou tanatofobia, pode incluir diversos aspetos como o medo da morte em si, o medo do que poderá acontecer depois da morte, e o medo de “deixar de ser” (Barros, 2005). Com efeito, o medo da morte encontra-se ligado ao tempo e/ou às circunstâncias, à fé ou descrença (Barros, 2005), e parece ser universal (Cox, 2006).

Na tentativa de integração dos conhecimentos filosóficos, psicológicos e empíricos que se foram somando ao longo de décadas, Tomer e Eliason (2000a) conceberam o *Modelo Compreensivo da Ansiedade face à Morte* (ver Figura 1). Este modelo identifica possíveis determinantes da ansiedade face à morte e as relações entre eles.

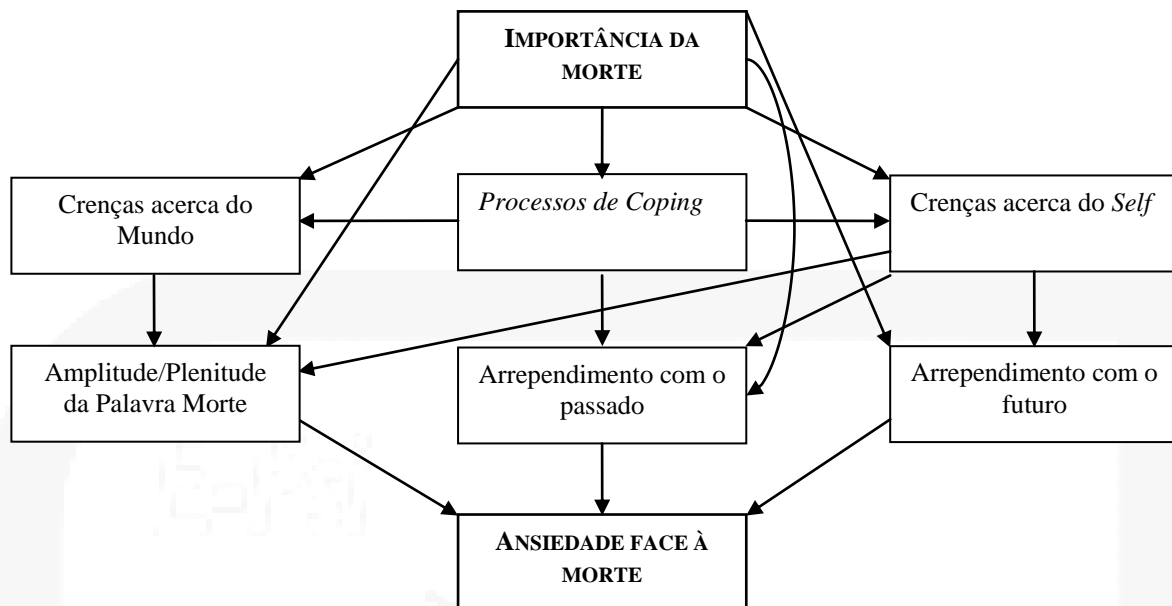


Figura 1 – Modelo Compreensivo da Ansiedade face à Morte [adaptado de Tomer e Eliason (2000a)].

Como se pode ver na Figura 1, existem três antecedentes diretos da *Ansiedade Face à Morte*: a *Amplitude/Plenitude da palavra Morte*, o *Arrependimento com o Passado* e o *Arrependimento com o Futuro*. Neste sentido, um elevado nível de *Ansiedade face à Morte* será experienciado pelos sujeitos que veem a morte como algo sem sentido, pelos sujeitos que se arrependem de não terem cumprido os objetivos definidos no passado, e pelos sujeitos que não podem realizar os seus objetivos no futuro (Tomer, & Eliason, 2000a).

A *Importância da Morte* (que advém do pensamento do indivíduo sobre a sua própria mortalidade) afeta diretamente estas variáveis, ligando-se a elas de três modos diferentes (Tomer, & Eliason, 2000a): (i) pela ativação de sentimentos de arrependimento e pensamentos que remetem para a *Amplitude/Plenitude da palavra Morte*; (ii) pela modificação das crenças do indivíduo sobre ele próprio – *Crenças acerca do Self* – e/ou sobre o mundo – *Crenças acerca do Mundo*; e (iii) pela ativação de uma variedade de mecanismos de *coping* – *Processos de Coping* –, designadamente a revisão do significado pessoal da vida, o planeamento da vida, a identificação com uma cultura, a autotranscendência, entre outros.

Conforme mencionado, neste modelo compreensivo, existem três fatores que influenciam a *Ansiedade face à Morte*: a *Amplitude/Plenitude da palavra Morte* (na qual se incluem as *Perspetivas da Morte*), o *Arrependimento com o Passado* e o *Arrependimento com o Futuro*. Por conseguinte, as *Perspetivas da Morte* são diretamente influenciadas pela *Importância da Morte*, pelas *Crenças acerca do Self*, e pelas *Crenças acerca do Mundo*.



Por seu turno, os *Processos de Coping* moderam os efeitos nas *Crenças acerca do Self* e nas *Crenças acerca do Mundo*. A *Amplitude/Plenitude da palavra Morte* refere-se ao facto da morte fazer ou não sentido emocionalmente para um determinado sujeito (Tomer, & Eliason, 2000b). A morte ligada à possibilidade do fim da existência dos outros poderá aumentar a *Importância da Morte*, mas não a *Ansiedade face à Morte* de modo direto (Tomer, & Eliason, 2000a).

Tomer e Eliason (2000b) constataram, num estudo realizado com idosos, que existe uma relação positiva entre as *Crenças positivas relativas ao Self*, as *Crenças positivas relativas ao Mundo*, e a *Perspetiva de Morte como Natural*. Este modelo providencia assim algum suporte para a compreensão das relações entre a *Importância da Morte*, as *Crenças acerca do Self* e as *Crenças acerca do Mundo*, as *Perspetivas da Morte*, e a *Ansiedade face à Morte*.

De acordo com N. Tubesing e D. Tubesing (1994, cit. por Vaz Serra, 2002, p.583), uma das grandes fontes de *stress* remete para as «ocorrências que surgem devido aos traços da personalidade de dado indivíduo que o levam a reagir com o meio ambiente de determinada maneira (...)». Os resultados obtidos em alguns estudos apontam nesse mesmo sentido, sugerindo que os elevados níveis de ansiedade face à morte são habitualmente acompanhados por elevados níveis de N (numa relação direta), a par da elevada preocupação, da tendência para autoculpabilização, entre outras características (Howells, & Field, 1982; Loo, 1984; Vargo, & Black, 1984; Westman, & Brackney, 1990, cit. por Neimeyer et al., 2004).

No estudo de Maltby (1999), a orientação religiosa intrínseca (quando a religião é algo de pessoal e central ao indivíduo) relacionou-se com um elevado N do *Eysenck Personality Questionnaire – Revised* (EPQ-R; S. Eysenck, H. Eysenck, & Barrett, 1985) e com a morte como Além (relação moderada e positiva) (Spilka, Stout, Minton, & Sizemore, 1977). Por sua vez, neste mesmo estudo, a orientação extrínseca relacionou-se com o N e com os sintomas obsessivos (Maltby, 1999); a orientação extrínseca diz respeito à valorização da participação religiosa do indivíduo por ser membro de um grupo poderoso que lhe proporciona proteção, consolidação e estatuto social (Allport, & Ross, 1967). Spilka e colaboradores (1977) encontraram correlações moderadas e significativas com a morte como sofrimento e solidão, a morte como indiferença, a morte como desconhecido, a morte como abandono, a morte como fracasso, e a morte como fim natural.



Estes resultados sugerem que N se irá correlacionar positivamente com a morte nas seguintes perspetivas: como sofrimento e solidão, como vida de Além e de recompensa, como fracasso, como indiferença, como desconhecido, e como abandono dos que dependem de nós.

Se por um lado, as perspetivas da morte são influenciadas de modo direto pela importância da morte, pelas crenças acerca do *self*, e pelas crenças acerca do mundo, por outro, a personalidade medeia os efeitos nas crenças acerca do *self* e acerca do mundo (Tomer, & Eliason, 2000b).

No que respeita às relações entre a personalidade e o modo como cada um é influenciado por ela, é de relembrar que na importância dada à morte pelo Modelo Compreensivo de Ansiedade face à Morte entram processos que por si só se relacionam com a personalidade, tais como os processos de *coping* e a avaliação das crenças acerca do *self* e do mundo, da plenitude da palavra morte, do arrependimento com o passado e com o futuro (Tomer, & Eliason, 2000a).

Assim, sendo a personalidade um conjunto de traços que tendencialmente se mantêm estáveis ao longo do tempo, e tendo em conta que a personalidade molda muitas das relações do indivíduo com o meio, supõe-se que determinadas dimensões da personalidade poderão estar relacionadas com certas perspetivas da morte.

Metodologia

Amostra

Neste estudo, participaram alunos idosos de Universidades Seniores provenientes da Região Centro de Portugal. Os dados foram recolhidos nos Distritos de Aveiro, Coimbra, Guarda e Viseu. Para obter uma amostra mais diversificada, optou-se por uma amostragem polietápica (cf. Almeida, & Freire, 2003).

A amostra deste estudo foi inicialmente constituída por 151 sujeitos, dos quais 23 (15.23%) não responderam às Escalas Breves de Perspectivas da Morte, e 14 (9.27%) obtiveram pontuações superiores às que eram esperadas (para a sua faixa etária) na escala L do EPQ. Por conseguinte, a amostra definitiva é constituída por 114 sujeitos, 29 homens (25.44%) e 85 mulheres (74.56%), com idades compreendidas entre os 55 e os 84 anos.



No que diz respeito à escolaridade, 22 sujeitos (19.30%) completaram o 1º ciclo do Ensino Básico (até à 4ª classe), 21 sujeitos (18.40%) completaram os 2º e 3º ciclos do Ensino Básico (até ao 9º ano), 28 sujeitos (24.60%) completaram o Ensino Secundário (ou Profissional), 41 sujeitos (36.00%) possuem Bacharelato ou Licenciatura, e 2 sujeitos (1.80%) possuem Mestrado ou Doutoramento. Esta amostra apresenta alguma diversidade em termos de escolaridade.

No que concerne ao estado civil, são 67 sujeitos (58.80%) casados, 27 sujeitos (23.70%) viúvos, 13 sujeitos (11.40%) solteiros, e 7 sujeitos (6.10%) divorciados. Quanto à religião, 104 sujeitos (91.20%) são católicos e 10 (8.80%) são ateus ou agnósticos, ou possuem outra religião (o que não inclui o Protestantismo, o Judaísmo, ou o Islamismo).

Instrumentos

A presente investigação procura estudar em alunos de Universidades Seniores as relações entre as diversas *perspetivas da morte*, caracterizadas através das *Escalas Breves de Perspectivas da Morte*, e as *dimensões de personalidade*, avaliadas por meio do *Questionário de Personalidade de Eysenck* (EPQ).

As *Escalas Breves de Perspectivas da Morte* (Spilka, Stout, Minton, e Sizemore, 1977; versão portuguesa, Barros, & Neto, 2004) têm 43 itens distribuídos por 8 subescalas que avaliam os diferentes aspetos das reações emotivas face à ideia da (própria) morte. Cada subescala tem entre 4 e 6 itens, num formato de Likert [de “totalmente em desacordo” (1 ponto) a “totalmente de acordo” (6 pontos)]. As 8 subescalas são: *Morte como Sofrimento e Solidão*; *Morte como Vida do Além de Recompensa*; *Indiferença Frente à Morte*; *Morte como Desconhecido*; *Morte como Abandono dos que Dependem de Nós com Culpabilidade*; *Morte como Coragem*; *Morte como Fracasso*; *Morte como Fim Natural*.

O *Questionário de Personalidade de Eysenck* (EPQ; H. Eysenck, & S. Eysenck, 1975; versão portuguesa, Castro Fonseca, Simões, & S. Eysenck, 1991) é um questionário de personalidade com 73 itens, que avalia, através de respostas dicotómicas – “sim” ou “não” –, as três dimensões fundamentais da personalidade: o *Psicoticismo*, a *Extroversão* e o *Neuroticismo*. Este questionário contém ainda uma escala de *Mentira/Desejabilidade Social*, a escala L. Os quatro fatores demonstraram ser ortogonais.

A administração dos instrumentos de avaliação foi realizada de modo individual e em



grupo. Os dados recolhidos foram analisados com o programa estatístico SPSS versão 17.0.

Procedimentos

Na seleção da amostra, utilizou-se como critério de exclusão a pontuação na escala L (Mentira/Desejabilidade Social) do EPQ, por esta ser uma escala de validade. Por conseguinte, foram eliminados todos os sujeitos cuja pontuação nesta escala (L) excedeu o limite superior do desvio-padrão [homens com idades entre 51 e 60 anos: $M=11.72$, $DP=4.31$; mulheres com idades entre 51 e 60 anos: $M=13.66$, $DP=3.64$; homens com idades entre 61 e 70 anos: $M=14.00$, $DP=4.93$; mulheres com idades entre 61 e 70 anos: $M=13.27$, $DP=2.20$].

Devido à heterogeneidade do processo de envelhecimento, alguns aspetos foram tidos em consideração na seleção da amostra. De acordo com as duas correntes mais importantes sobre o envelhecimento bem-sucedido – os modelos de Rowe e Kahn (1987, 1997) e de P. Baltes (1987; P. Baltes, Staudinger, & Lindenberger, 1999) –, uma velhice bem-sucedida pode ser promovida através da frequência das Universidades Seniores, uma vez que o seu principal objetivo incide na manutenção da saúde (psicológica e física), assim como da qualidade de vida, do aumento dos conhecimentos e do desenvolvimento de modos de vida sãos (Osorio, 2005; Monteiro, & Neto, 2008). Como refere Osorio (2005, p.280), o propósito da gerontologia educativa é «prevenir o declínio prematuro, facilitar o desenvolvimento de papéis significativos para as pessoas seniores, fomentar o desenvolvimento psicológico de modo a prolongar a saúde e anos produtivos e aumentar a qualidade de vida das pessoas seniores». Ou seja, a frequência nas Universidades Seniores vai ao encontro das condições essenciais para um envelhecimento bem-sucedido (cf. Fontaine, 2000; Cavanaugh, & Blanchard-Fields, 2006; Monteiro, & Neto, 2008). Por esta razão, recorreu-se a uma amostra de alunos de Universidades Seniores para examinar as perspetivas da morte e a sua relação com as dimensões de personalidade.

Nesta investigação, todos os alunos foram instruídos sobre os objetivos do presente estudo, sobre a voluntariedade da sua participação, sobre a não existência de respostas certas ou erradas, e sobre a confidencialidade dos dados recolhidos.

Na análise dos dados, consideraram-se as sugestões evocadas por Cicirelli (2002, 2006) em relação ao medo da morte, cuja tendência pode ser mais eficientemente determinada se o investigador distinguir os jovens idosos (com idades entre os 65 e 74 anos), os idosos (com

idades entre os 75 e 84 anos) e os muito idosos (com idades superiores a 85 anos). Por conseguinte, foram constituídos três grupos para examinar pormenorizadamente as relações entre as variáveis: Grupo 1 [55-64 anos]; Grupo 2 [65-74 anos]; Grupo 3 [75-84 anos].

Resultados

Na Tabela 1, encontram-se expostas as pontuações obtidas nas Escalas Breves de Perspectivas da Morte e no EPQ para esta amostra ($N=114$), em termos de médias e desvios-padrão.

Tabela 1 – Valores médios e desvios-padrão obtidos nas Escalas de Perspectivas da Morte e no EPQ, no total e em função dos grupos etários.

		Total	Grupo 1 [55-64]	Grupo 2 [65-74]	Grupo 3 [75-84]
	<i>N</i>	114	43	47	24
M_Sof.	<i>M</i>	17.31	15.42	18.74	17.87
	<i>DP</i>	8.38	8.74	8.11	7.94
M_Al.	<i>M</i>	23.01	18.56	26.38	24.38
	<i>DP</i>	10.34	10.22	9.37	9.85
M_Indi.	<i>M</i>	15.78	15.77	16.60	14.21
	<i>DP</i>	6.93	6.73	7.04	7.10
M_Des.	<i>M</i>	26.96	25.63	27.94	27.46
	<i>DP</i>	8.47	9.56	7.46	8.30
M_Aban.	<i>M</i>	15.60	15.35	16.45	14.38
	<i>DP</i>	6.87	6.69	7.40	6.11
M_Cora.	<i>M</i>	20.61	17.09	23.96	20.33
	<i>DP</i>	9.87	9.03	9.47	10.21
M_Frac.	<i>M</i>	14.32	13.26	15.00	14.88
	<i>DP</i>	7.39	6.32	7.73	8.52
M_Nat.	<i>M</i>	21.18	21.19	21.19	21.17
	<i>DP</i>	4.26	3.91	4.65	4.24
P	<i>M</i>	1.10	1.26	1.11	0.79
	<i>DP</i>	1.23	1.51	1.11	0.78
E	<i>M</i>	10.23	10.12	10.26	10.38
	<i>DP</i>	4.19	4.67	3.83	4.13
N	<i>M</i>	9.05	8.67	10.23	7.42
	<i>DP</i>	4.10	4.07	4.05	3.67

Nota: **M_Sof.** = Morte como Sofrimento e Solidão; **M_Al.** = Morte como Vida do Além de Recompensa; **M_Indi.** = Indiferença Frente à Morte; **M_Des.** = Morte como Desconhecido; **M_Aban.** = Morte como Abandono dos que Dependem de Nós com Culpabilidade; **M_Cora.** = Morte como Coragem; **M_Frac.** = Morte como Fracasso; **M_Nat.** = Morte como Fim Natural; **P** = Psicoticismo; **E** = Extroversão; **N** = Neuroticismo; *N* = participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-Padrão.

Na análise das correlações, recorreu-se ao critério de Cohen (1988) para interpretar os dados. Segundo o autor, a correlação de Pearson (r) é fraca quando o valor absoluto do coeficiente (positivo ou negativo) se situa entre 0.10 e 0.30; é moderada quando se situa entre 0.30 e 0.50; e é elevada quando alcança valores entre 0.50 e 1.

Na Tabela 2 encontram-se as correlações obtidas entre as Escalas Breves de Perspectivas da Morte e o EPQ, na amostra total ($N=114$). Deste modo, observam-se correlações fracas (significativas) entre: a *Morte como Abandono* e P ($r=-0.19$; $p<0.05$); a *Morte como Além* e E ($r=0.20$; $p<0.05$); a *Morte como Sofrimento* e N ($r=0.21$; $p<0.05$); e a *Morte como Fracasso* e N ($r=0.20$; $p<0.05$).

A par disso, verifica-se uma correlação negativa e moderada (significativa) entre P e a *Morte como Desconhecido* ($r=-0.33$; $p<0.01$). É de relembrar que para Tomer e Eliason (2000b), as perspetivas da morte referem-se ao facto da morte fazer ou não sentido emocionalmente.

Tabela 2 – Correlações das Escalas Breves de Perspectivas da Morte com EPQ na amostra global.

		Escalas de Perspectivas da Morte							
		M_Sof.	M_Al.	M_Indi.	M_Des.	M_Aban.	M_Cora.	M_Frac.	M_Nat.
P	a)				-0.33**	-0.19*			
EPQ	E		0.20*						
	N	0.21*						0.20*	

* $p<0.05$; ** $p<0.01$; a) as correlações não significativas foram suprimidas.

[M_Sof. = *Morte como Sofrimento e Solidão*; M_Al.= *Morte como Vida do Além de Recompensa*; M_Indi.= *Indiferença Frente à Morte*; M_Des. = *Morte como Desconhecido*; M_Aban. = *Morte como Abandono dos que Dependem de Nós com Culpabilidade*; M_Cora.= *Morte como Coragem*; M_Frac. = *Morte como Fracasso*; M_Nat. = *Morte como Fim Natural*; P = *Psicoticismo*; E = *Extroversão*; N = *Neuroticismo*].

Na Tabela 3, observam-se os resultados obtidos no Grupo 1 ($N=43$), com os sujeitos com idades entre os 55 e os 64 anos, que estão num período de pré-reforma. Nesta faixa etária, apenas se verifica uma correlação negativa e moderada (significativa) entre P e a *Morte como Desconhecido* ($r=-0.36$; $p<0.05$).

Tabela 3 – Correlações das Escalas Breves de Perspectivas da Morte com o EPQ [55-64].

		Escalas de Perspectivas da Morte							
		M_Sof.	M_Al.	M_Indi.	M_Des.	M_Aban.	M_Cora.	M_Frac.	M_Nat.
P	^{a)}				-0.36*				
EPQ	E								
	N								

* $p < 0.05$; ** $p < 0.01$; ^{a)} as correlações não significativas foram suprimidas.

[M_Sof. = *Morte como Sofrimento e Solidão*; M_Al. = *Morte como Vida do Além de Recompensa*; M_Indi. = *Indiferença Frente à Morte*; M_Des. = *Morte como Desconhecido*; M_Aban. = *Morte como Abandono dos que Dependem de Nós com Culpabilidade*; M_Cora. = *Morte como Coragem*; M_Frac. = *Morte como Fracasso*; M_Nat. = *Morte como Fim Natural*; P = *Psicoticismo*; E = *Extroversão*; N = *Neuroticismo*].

Na Tabela 4, encontram-se expostas as correlações obtidas no Grupo 2 ($N=47$) para a faixa etária dos 65-74 anos. Neste grupo, as correlações são negativas e moderadas (significativas) entre P e a *Morte como Desconhecido* ($r=-0.43$; $p < 0.01$), e entre E e a *Morte como Natural* ($r=-0.32$; $p < 0.05$).

Tabela 4 – Correlações das Escalas Breves de Perspectivas da Morte com o EPQ [65-74].

		Escalas de Perspectivas da Morte							
		M_Sof.	M_Al.	M_Indi.	M_Des.	M_Aban.	M_Cora.	M_Frac.	M_Nat.
P	^{a)}				-0.43**				
EPQ	E								-0.32*
	N								

* $p < 0.05$; ** $p < 0.01$; ^{a)} as correlações não significativas foram suprimidas.

[M_Sof. = *Morte como Sofrimento e Solidão*; M_Al. = *Morte como Vida do Além de Recompensa*; M_Indi. = *Indiferença Frente à Morte*; M_Des. = *Morte como Desconhecido*; M_Aban. = *Morte como Abandono dos que Dependem de Nós com Culpabilidade*; M_Cora. = *Morte como Coragem*; M_Frac. = *Morte como Fracasso*; M_Nat. = *Morte como Fim Natural*; P = *Psicoticismo*; E = *Extroversão*; N = *Neuroticismo*].

As correlações no Grupo 3 ($N=24$), com sujeitos com idades compreendidas entre os 75 e os 84 anos, são apresentadas na Tabela 5. Neste grupo, existe uma correlação positiva e moderada (significativa) entre N e a *Morte como Além* ($r=0.42$; $p < 0.01$).

Tabela 5 – Correlações das Escalas Breves de Perspectivas da Morte com o EPQ [75-84].

		Escalas de Perspectivas da Morte							
		M_Sof.	M_Al.	M_Indi.	M_Des.	M_Aban.	M_Cora.	M_Frac.	M_Nat.
P	a)								
EPQ	E								
	N		0.42**						

* $p < 0.05$; ** $p < 0.01$; ^{a)} as correlações não significativas foram suprimidas.

[M_Sof. = *Morte como Sofrimento e Solidão*; M_Al.= *Morte como Vida do Além de Recompensa*; M_Indi.= *Indiferença Frente à Morte*; M_Des. = *Morte como Desconhecido*; M_Aban. = *Morte como Abandono dos que Dependem de Nós com Culpabilidade*; M_Cora.= *Morte como Coragem*; M_Frac. = *Morte como Fracasso*; M_Nat. = *Morte como Fim Natural*; P = *Psicoticismo*; E = *Extroversão*; N = *Neuroticismo*].

Para verificar se existem diferenças estatísticas significativas entre os grupos – Grupo 1 [55-64] ($N=43$), Grupo 2 [65-74] ($N=47$), Grupo 3 [75-84] ($N=24$) –, em relação às diversas variáveis em análise, aplicou-se o método do *Teste t* (*t-student test*) e o método do *Teste U de Mann Whitney*.

No que respeita às perspetivas da morte, os resultados obtidos confirmam a existência de algumas diferenças significativas entre o Grupo 1 [55-64] e o Grupo 2 [65-74]: na *Morte como Além* [$t(88)=-3.584$; $p < 0.001$] (Grupo 1: $M=18.56$; $DP=10.22$; Grupo 2: $M=26.38$; $DP=9.37$) e na *Morte como Coragem* [$t(88)=-3.538$; $p < 0.001$] (Grupo 1: $M=17.09$; $DP=9.03$; Grupo 2: $M=23.96$; $DP=9.47$). Por conseguinte, neste estudo, os sujeitos com idades compreendidas entre 65 e 74 anos acreditam mais na *Morte como Além* e perspetivam mais a *Morte como Coragem*.

Para equilibrar o tamanho das amostras nas comparações com o Grupo 3 [75-84] ($N=24$), optou-se por aleatorizar os sujeitos das amostras (Grupo 1 e Grupo 2) através do SPSS. Seguidamente, aplicou-se o *teste U*. As amostras comparadas (Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3) são constituídas por 24 sujeitos cada.

Deste modo, verificou-se uma diferença estatística significativa na *Morte como Além* entre o Grupo 1 [55-64] ($M=16.17$; $DP=9.39$) e o Grupo 3 [75-84] ($M=24.38$; $DP=9.85$). Neste estudo, o nível de significância do *teste U* de Mann-Whitney [$U=160.00$; $p < 0.01$] revelou que os sujeitos do Grupo 3 [75-84] acreditam mais na *Morte como Além* do que os sujeitos do Grupo 1 [55-64].



Com estes resultados, pode-se concluir que o grupo que menos acredita na *Morte como Além* é o Grupo 1 [55-64]. No que respeita às restantes análises, os resultados obtidos na comparação das perspetivas da morte em função dos grupos etários não foram significativos.

Discussão

De um modo geral, os resultados desta pesquisa sugerem a existência de relações entre determinadas perspetivas da morte e as dimensões de personalidade avaliadas, ainda que as correlações encontradas sejam de intensidade moderada: o Neuroticismo relaciona-se de modo positivo com a *Morte como Vida de Além de Recompensa*, a Extroversão relaciona-se de modo negativo com a *Morte como Fim Natural*, e o Psicoticismo relaciona-se de modo negativo com a *Morte como Desconhecido*.

No grupo de sujeitos com idades entre os 55 e os 64 anos apenas se verifica uma correlação negativa entre o Psicoticismo e a *Morte como Desconhecido*. Na faixa etária dos 65-74 anos, verificam-se correlações negativas entre o Psicoticismo e a *Morte como Desconhecido*, e entre a Extroversão e a *Morte como Fim Natural*. No grupo dos sujeitos mais idosos, com idades entre os 75 e os 84 anos, verificou-se uma correlação positiva entre o Neuroticismo e a *Morte como Vida de Além de Recompensa*.

Os sujeitos que mais acreditam na *Morte como Vida de Além de Recompensa* e que encaram a *Morte como Coragem* pertencem ao Grupo 2 [65-74]. Em relação à *Morte como Vida de Além de Recompensa*, não existem diferenças entre o Grupo 2 [65-74] e o Grupo 3 [75-84], sendo que os sujeitos deste último grupo também acreditam mais na *Morte como Vida de Além de Recompensa* do que os sujeitos do Grupo 1 [55-64].

No que concerne à personalidade, a correlação positiva obtida no presente estudo entre o Neuroticismo e a *Morte como Vida de Além de Recompensa* para o Grupo 3 [75-84] vai ao encontro dos dados do estudo de Thorson e Powell (1994). Estes autores verificaram que os idosos (66-88 anos), quando comparados com os sujeitos de outras faixas etárias, tendem a identificar-se mais com as perspetivas relativas à perda de controlo e à existência de uma vida no Além. No entanto, como estes autores não tiveram em conta a consideração de Cicirelli (2006), não se pode dizer que os resultados, independentemente dos testes utilizados, foram iguais nas faixas etárias destes dois estudos, pois a amplitude da faixa etária dos idosos



considerados por Thorson e Powell (1994) foi maior e os dados do Grupo 2 [65-74] não confirmam esta tendência.

O elevado Neuroticismo predispõe o indivíduo para apresentar com facilidade estados afetivos desagradáveis e para lidar de modo inadequado com os problemas, sentindo um grande mal-estar em situações de *stress* (Vaz Serra, 2000). Ora, ao possuir um elevado Neuroticismo, a crença de uma vida eterna fomentada pela religião poderá ser reconfortante para o sujeito lidar com a sua própria morte (Malinowski, 1948, cit. por Cox, 2006). A relação encontrada entre o Neuroticismo e a *Morte como Vida de Além de Recompensa* parece ir ao encontro de outros estudos (por exemplo, Maltby, 1999; Spilka, Stout, Minton, & Sizemore, 1977).

A correlação negativa entre o Psicoticismo e a *Morte como Desconhecido* poderá ser explicada através da visão/conceção da morte como misteriosa e ambígua (cf. Spilka et al., 1977). Os resultados da presente pesquisa indicam que quanto maior o nível de Psicoticismo, menor será a tendência do sujeito para ver a morte como desconhecida, misteriosa e ambígua. Estes dados poderão estar relacionados com a natureza da dimensão de Psicoticismo, a qual caracteriza os indivíduos que são frios, distantes e que gostam de coisas pouco habituais (entre outros traços); esta questão também poderá ser explicada pela reduzida emotividade (inibição emocional) dos sujeitos com um elevado Psicoticismo (H. Eysenck, & M. Eysenck, 1985).

Apenas no Grupo 2 [65-74] se verifica uma correlação negativa entre a Extroversão e a *Morte como Fim Natural*. Ver a morte deste modo significa vê-la como uma conclusão natural da vida, como um ponto terminal (Spilka et al., 1977). Ora, se o indivíduo extrovertido se caracteriza por ser sociável, animado, ativo e aventureiro (H. Eysenck, & M. Eysenck, 1985), ver a morte como uma conclusão natural ou como um ponto terminal para quem é ativo parece, segundo mostram os resultados deste estudo, pouco viável. Neste sentido, quanto mais extrovertido for o indivíduo, menor a sua tendência para conceber a *Morte como Fim Natural*. Em consequência, os indivíduos introvertidos (baixo nível de Extroversão), por serem calmos, passivos, cuidadosos, pensativos, mentalmente ativos e introspetivos (Wilson, 1986), terão mais tendência para perspetivar a *Morte como Fim Natural*. É de lembrar que ver a morte como um fim natural, ou seja aceitar a morte, é considerado como um marco de verdadeira maturidade (Cox, 2006).



A presente investigação possui algumas limitações. Neste âmbito, pretendia-se realizar análises referentes ao género, mas os sujeitos avaliados do sexo masculino estão representados em menor número nas Universidades Seniores (ou seja, existem mais mulheres a frequentá-las). Por outro lado, procurou-se obter uma amostra diversificada em termos de habilitações literárias e de estado civil, recolhendo dados em diversos pontos da Zona Centro de Portugal. No entanto, a amostra não foi suficientemente grande e diversificada para efetuar as análises respeitantes a estas variáveis.

No que concerne à aplicação dos instrumentos sentiu-se alguma dificuldade na compreensão das Escalas Breves de Perspectivas da Morte e registaram-se algumas queixas dos idosos quanto à duração do protocolo. O que vem realçar a necessidade de se adaptarem mais instrumentos adequados às características desta franja da população, que sejam relativamente breves, com um português claro e com boas propriedades psicométricas.

Futuramente será interessante colmatar as limitações deste trabalho e estudar outros constructos no domínio das perspetivas da morte nos idosos, como a ansiedade, a depressão, o *locus* de controlo, a ansiedade face à morte, e as estratégias de *coping*.

De um ponto de vista prático, a importância do estudo da morte reside no facto desta constituir um dos alicerces para o acompanhamento do doente terminal, para a educação tanatológica, para a possibilidade de uma redução do medo face à morte no indivíduo através, por exemplo, do aumento da revisão do significado pessoal da vida ou autotranscendência. Deste modo, o estudo da morte permite obter uma educação tanatológica mais personalizada e orientada para as necessidades individuais da pessoa. O seu estudo permite também uma formação mais adequada dos agentes que trabalham na área de geriatria para que estejam sensibilizados em relação a esta temática, proporcionando um maior bem-estar e tranquilidade aos idosos.



Bibliografia

- Allport, G.W., & Ross, J.M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 432-433.
- Almeida, L.S., & Freire, T. (2003). *Metodologia de investigação em psicologia e educação* (3ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Baltes, P. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23, 611-626.
- Baltes, P., Staudinger, U., & Lindenberger, U. (1999). Lifespan psychology: Theory and application to intellectual functioning. *Annual Review of Psychology*, 50, 471-507.
- Barros, J. (1998). *Viver a morte – Abordagem antropológica e psicológica*. Coimbra: Almedina.
- Barros, J. (2005). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. (2ª ed.). Porto: Livpsic.
- Barros, J. (2006). Educação das pessoas idosas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 10(2), 267-309.
- Barros, J., & Neto, F. (2004). Validação de um instrumento sobre as diversas perspectivas da morte. *Análise Psicológica*, 22(2), 355-367.
- Brennan, P., Schutte, K., & Moos, R. (2006). Long-term patterns and predictors of successful stressor resolution in later life. *International Journal of Stress Management*, 13(3), 253-272.
- Castro Fonseca, A. (1989). Estudo intercultural da personalidade, comparação de crianças portuguesas e inglesas no EPQ-Junior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 23, 323-345.
- Castro Fonseca, A., Simões, A., & Eysenck, S.B. (1991). Um estudo intercultural da personalidade: Comparação de adultos portugueses e ingleses no EPQ. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 25(2), 187-203.
- Cavanaugh, J.C., & Blanchard-Fields, F. (2006). *Adult development and aging* (5th ed.). Belmont, CA: Thomson Wedsworth.
- Cicirelli, V.G. (2002). *Older adult's views on death*. New York: Springer.
- Cicirelli, V.G. (2006). Fear of death in mid-old age. *The Journals of Gerontology*, 61B(2), 75-81.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Costa, P.T., & McCrae, R.R. (1980). Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 668-678.
- Cox, H. (2006). *Later life – The realities of aging* (6th ed.). New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- Damáso, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa: As emoções sociais e a neurologia do sentir*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Diener, E., & Larsen, R.J. (1993). The experience of emotional well-being. In M. Lewis, & J.M. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions* (pp.405-415). New York: Guildford Press.



- Diener, E., & Lucas, R. (1999). Personality and subjective well-being. In D. Kahneman, E. Diener, & N. Schwarz (Eds.), *Well-being: The foundations of hedonic psychology* (pp.213-229). New York: Russell Sage Foundation.
- Eysenck, H.J. (1970). *The structure of human personality* (3rd ed.). London: Methuen & Co.
- Eysenck, H.J., & Eysenck, M.W. (1985). *Personality and individual differences: A natural science approach*. New York: Plenum Press.
- Eysenck, S.B., Eysenck, H.J., & Barrett, P.T. (1985). A revised version of the Psychoticism scale. *Personality and Individual Differences*, 6, 21-29.
- Feifel, H. (1969). Attitudes toward death: A psychological perspective. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33(3), 292-295.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- Krause, N., Liang, J., & Keith, V. (1990). Personality, social support, and psychological distress in later life. *Psychology and Aging*, 5(3), 315-326.
- Librán, E.C. (2006). Personality dimensions and subjective well-being. *The Spanish Journal of Psychology*, 9(1), 38-44.
- Maltby, J. (1999). Personality dimensions of religious orientation. *The Journal of Psychology*, 133(6), 631-640.
- Mathews, G., & Deary, I.J. (1998). *Personality traits*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Meuser, T.M., & Marwit, S.J. (2000). An integrative model of personality, coping, and appraisal for the prediction of grief involvement in adults. *Omega: Journal of Death and Dying*, 40, 375-393.
- Middleton, W., Franzp, M. D., Raphael, B., Burnett, P., & Martinek, N. (1997). Psychological distress and bereavement. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 185, 447-453.
- Monteiro, H., & Neto, F. (2008). *Universidades da terceira idade: Da solidão aos motivos da sua frequência*. Porto: Livpsic.
- Neimeyer, R.A., & Werth, J.L. (2005). The psychology of death. In M.L. Johnson. (Ed.), *The Cambridge handbook of age and ageing* (pp.387-393). Cambridge: Cambridge University Press.
- Neimeyer, R.A., Wittkowski, J., & Moser, R.P. (2004). Psychological research on death attitudes: An overview and evaluation. *Death Studies*, 28, 309-340.
- Osorio, A. R. (2005). *Educação permanente e educação de adultos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rowe, J., & Kahn, R. (1987). Human aging: Usual and successful (physiological changes associated with aging). *Science*, 237, 143-149.
- Rowe, J.W., & Kahn, R.L. (1997). Successful aging. *Gerontologist*, 37(4), 433-440.
- Rusting, C.L., & Larsen, R.J. (1997). Extraversion, neuroticism and susceptibility to positive and negative affect: A test of two theoretical models. *Personality and Individual Differences*, 22, 607-612.



- Spilka, B., Stout, L., Minton, B., & Sizemore, D. (1977). Death and personal faith: A psychometric investigation. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 16, 169-178.
- Thorson, J.A., & Powell, F.C. (1994). A revised Death Anxiety Scale. In R.A. Neimeyer (Ed.), *Death anxiety handbook: Research, instrumentation, and application* (pp.31-43). Washington: Taylor & Francis.
- Tomer, A., & Eliason, G. (2000a). Attitudes about life and death: Toward a comprehensive model of death anxiety. In A. Tomer (Ed.), *Death attitudes and the older adult: Theories, concepts, and applications* (pp.3-22). Philadelphia: Taylor & Francis.
- Tomer, A., & Eliason, G. (2000b). Beliefs about self, life and death: testing aspects of a comprehensive model of death anxiety and death attitudes. In A. Tomer (Ed.), *Death attitudes and the older adult: Theories, concepts, and applications* (pp.137-153). Philadelphia: Taylor & Francis.
- Vaz Serra, A. (2000). Construção de uma escala para avaliar a vulnerabilidade ao stress: A 23 QVS, *Psiquiatria Clínica*, 21(4), 279-308.
- Vaz Serra, A. (2002). *Stress na vida de todos os dias*. Coimbra: Edição do Autor.
- Vitterso, J., & Nilsen, F. (2002). The conceptual and relational structure of well-being, neuroticism, and extraversion: Once again, neuroticism is the important predictor of happiness. *Social Indicators Research*, 57, 89-118.
- Watson, D. (2000). *Mood and temperament*. New York: Guilford.
- Wilson, G.D. (1986). Personalidade. In H.J. Eysenck, & G.D. Wilson (Eds.), *Manual de psicologia humana* (pp.181-200). Coimbra: Livraria Almedina.



Death Perspectives and Personality in the Elderly

Abstract

The present investigation was primary focused on the analysis of the senior student's death perspectives and its possible relationship with the personality. A sample of 114 senior subjects participated in this study. The instruments of psychological assessment used were the Eysenck Personality Questionnaire (EPQ), and the Death Perspectives Scale. These instruments were applied to the subjects on Senior Universities in the Central Region of Portugal.

The obtained results show that Neuroticism has a positive relation with the death as an alterlife-of-reward scale, Extraversion has a negative relation with death as a natural end scale, and Psychoticism has a negative relation with the death as unknown scale. In spite of these correlations were statistically significant, they had a moderated intensity. The results have shown the importance of producing more studies about these issues and the necessity on the adaptation of some psychological instruments to assess them or the necessity on the construction of new ones. They must be more adequate to this kind of population, clearer, with quick application, and they must have good psychometric properties.

Keywords: elderly; successful aging; death perspectives; personality.

Como citar este artigo: Marques-Costa, C., & Barros, J. (2013). Perspetivas da morte e personalidade em idosos [Temas em Psicologia do Envelhecimento (Vol.I)]. *Revista E-Psi*, 3(1), 118-138.

Received: January 2, 2013

Revision received: March 15, 2013

Accepted: September 23, 2013